Notas Bibliográficas

D’COSTA, Gavin: *Theology in The Public Square: Church, Academy and Nation*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. 247 pp., 23 X 15, 2 cm. ISBN 1-4051-3510-7.

O A. é um católico-romano, professor de Teologia Cristã e Chefe do Departamento de Teologia e Ciências da Religião na Universidade de Bristol. Conselheiro para a Igreja da Inglaterra, para a Conferência dos Bispos Católicos e para o Vaticano em assuntos referentes às outras religiões. Esteve lecionando Teologia das Religiões por 22 anos. Aqui reflete sobre o trabalho intelectual no contexto institucional de uma Universidade. Quer oferecer contribuição para o futuro da universidade na cultura anglo-americana. Dirige-se a quem ensina e estuda teologia ou ciências da religião em vista de prestar serviço à Igreja, ao mundo secular e à cultura inter-religiosa. Articula três sujeitos: Igreja, universidade e “praça pública”.

Usa a metáfora do povo de Israel para estudar a situação da teologia. Num primeiro momento, analisa o cativo da teologia na Babilônia da Universidade moderna. Depois descreve a Babilônia dentro da Igreja em relação à realidade dos EUA e da Inglaterra. Num terceiro momento, relata a volta do povo por decreto de Ciro, o persa, a fim de reconstruir o Templo. Pergunta-se então porque os teólogos devem rezar pela libertação do exílio. E os dois últimos capítulos abordam o compromisso da teologia naquilo que ela tem de específico, que é a sua virtude de tocar teologicamente as ciências da religião. Finalmente, trata do matrimônio entre a teologia e as disciplinas, explorando as fronteiras e mostrando que a teologia é princípio de unificação. O epílogo fecha a reflexão sobre a teologia como serviço da Igreja no coração da universidade cristã, proclamando a Palavra para o mundo.

É um livro que visa diretamente às universidades confessionais dos EUA e da Inglaterra no contexto da história da Universidade, na atual situação secularizada e nas possibilidades que elas ainda têm de prestar um serviço à Igreja e à sociedade secular.

Começa estudando como a universidade e a teologia se secularizaram, referindo-se à Inglaterra e aos EUA com duas conseqüências. Uma foi o nascimento e desenvolvimento do conjunto das ciências das religiões, verdadeiro filho da forma secularizada da teologia. Vale também o contrário: a teologização de uma disciplina (ciências da religião) que devia propriamente servir à teologia. A segunda é a fragmentação das disciplinas em verdadeira oferta consumista, refletindo o contexto saxônico. Tais matérias têm dificuldade de justificar-se em termos educacionais e financeiros. A teologia não ajuda a ser bom economista ou enfermeiro ou chofer de ônibus. Ela tem a função da idéia primigênia da sua presença na nascente universidade medieval de ser princípio de unificação. Isso será assunto de um

capítulo do livro. Defende a teoria de que o melhor serviço da teologia numa sociedade secular é ser teologia, sendo capaz de articular uma visão que desafia e abraça a modernidade. Esta é a sua virtude.

O segundo capítulo com o título metafórico de “Babilônia na Igreja” reproduz os comentários pessoais do autor sobre o estado da universidade moderna nos EUA e na Inglaterra. Apesar de sinais de luz, ele cartografa o desaparecimento da luz por causa da crescente secularização de muitas instituições confessionais. Na Inglaterra é diferente porque não existem grandes universidades cristãs nem mesmo de nome, mas a sua história segue o modelo semelhante das instituições altamente confessionais que se tornaram universidades seculares.

Continuando a metáfora – Ciro permite a volta do povo e a reconstrução do Templo –, defende que a modernidade liberal é desafiada pela pluralidade religiosa e pela diversidade na sociedade e que a teologia responde bem a tais desafios, ao ajudar as comunidades religiosas a aprenderem e a praticarem fielmente suas tradições. No campo intelectual, cabe construir universidades “sectárias” no sentido de confessional desde que se engajem no bem comum e em diálogo com outras tradições. O A. refuta os argumentos contra a confessionalidade das universidades numa sociedade moderna secular, especialmente quando são financiadas pelo Estado. Pois a validade de teólogos na universidade católica não difere das outras profissões e disciplinas. Está em questão a liberdade acadêmica.

Um capítulo é dedicado ao aspecto distintivo da universidade confessional cristã. Deixa os argumentos meramente racionais na suposição de que o leitor esteja de acordo com o seu projeto básico. De dentro do modelo de uma universidade católica quer mostrar, em três capítulos, como as coisas podem ser diferentes do modelo secular. Há possibilidades a serem concretizadas pelas comunidades eclesiais nas sociedades democráticas, como espaço de oração. Algo pouco imaginado como metodologia de uma disciplina acadêmica. E o A. vê na oração pressuposto epistemológico para fazer teologia e para obrigar a rever-lhe as linhas tradicionais.

Outro capítulo debruça-se sobre a teologização das ciências da religião. Exemplifica tal capítulo com a vida de Edith Stein e de uma sati hindu moderna que se sacrificou pelos pecados de outros.

No sexto capítulo, relaciona a visão teológica com outras disciplinas – o A. escolhe física e cosmologia – para ver se a fragmentação pode ser superada.

É um livro que traz intuições sugestivas sobre a natureza da teologia, sua presença nas universidades confessionais numa sociedade secularizada. O interesse restringe-se especialmente ao universo acadêmico anglo-saxônico dos EUA e da Inglaterra a que se dirige.

João Batista Libanio SJ

BARROS, Marcelo: *Dom Helder Câmara: Profeta para os nossos dias*. Goiás, GO: Editora Rede da Paz, 2006, 190 pp., 21 X 15 cm. ISBN 85-99312-02-2.

À primeira vista, o mais recente livro do monge beneditino Marcelo Barros pode causar a impressão de se tratar de mais uma biografia sobre o bispo brasileiro que mais se destacou no cenário da Igreja e da sociedade brasileira no século XX, Dom Helder Câmara, o “Peregrino da Paz” e “Irmão dos Pobres”. No entanto, a leitura das primeiras páginas já aponta para o diferencial que marca este trabalho: ele não pretende fazer uma biografia, mas deixar um testemunho pessoal sobre a atualidade da profecia do Dom, como Dom Helder passou a ser chamado, carinhosamente. O motivo condutor do texto é uma das frases que o autor teria ouvido num encontro com Dom Helder, algumas semanas antes de sua morte: “Não deixe cair a profecia”. Desta forma, Marcelo Barros procura sintetizar a herança de Dom Helder para homens e mulheres do nosso tempo, que talvez pouco ouviram falar desta figura quase lendária.

O prefácio, de José Comblin, acentua “que não existe pessoa mais indicada do que Marcelo Barros para apresentar Dom Helder aos jovens e a leitores que não puderam conhecê-lo diretamente”, colocando assim em relevo a relação quase filial do autor com a figura título.

Nos dois primeiros capítulos, Marcelo Barros conta como conheceu Dom Helder e revela suas primeiras impressões, nem sempre positivas. É como se ele nos tomasse pela mão e nos conduzisse por um processo quase iniciático a um contato direto com o Dom. O primeiro capítulo tem exatamente o título de “Não deixe cair a profecia”, relatando o que foi este último encontro do autor com o personagem-tema. O segundo capítulo – E eu entro na história – Marcelo Barros conta como, quando monge do Mosteiro beneditino de Olinda, conheceu Dom Helder e como começou a cooperar com ele, como seu secretário para assuntos ligados ao ecumenismo.

Depois, o livro se organiza em duas partes: os capítulos 3 a 6 se concentram sobre aspectos da personalidade de Dom Helder que estão na base da herança que ele nos deixa. O capítulo terceiro – Uma pessoa livre e libertadora – coloca em destaque que “a primeira herança de Dom Helder é a liberdade interior essencial que ele viveu e propunha a todos” (p. 48). O quarto capítulo, intitulado “Alguém que fala ao coração” põe o acento na herança para o eu interior, descrevendo o cultivo da interioridade do Dom, suas vigílias madrugadas adentro, sua capacidade de unir as pessoas, seu ecumenismo, seu amor e apego à natureza. O quinto capítulo – Herança de uma palavra profética – tem como subtítulo a máxima paulina “Proclama a palavra oportuna ou inoportuna” e descreve como Dom Helder, na intimidade com a palavra divina, tornou-se uma palavra profética para o mundo e para as Igrejas, na sua insistência com a não-violência, com a solidariedade com os pobres e na sua proposição de uma Igreja mais pascal e pobre. O sexto capítulo, “A herança de uma espiritualidade libertadora” apresenta Dom Helder na mesma linha de Bartolomeu de Las Casas, uma das vozes proféticas no século XVI em defesa da liberdade e dignidade dos indígenas, ao mesmo tempo em que ele vivia sua fé como critério de liberdade.

Os capítulos seguintes mostram a herança especial de Dom Helder para os jovens (capítulo 7), para as pessoas que têm fome e sede de justiça (capítulo 8), para as

Igrejas (capítulo 9), para os artistas (capítulo 10), pessoas que sofrem (capítulo 11). O sétimo capítulo – Herança para a juventude – descreve uma face menos conhecida de Dom Helder, seu enorme carisma para com as jovens gerações, sua abertura ao diálogo com eles e elas e, especialmente, o apoio que deu à realização do Concílio da Juventude, na década de 60. O oitavo capítulo, com o título “Para quem tem fome e sede de justiça”, aborda a herança para pessoas insatisfeitas e põe ênfase na contribuição de Dom Helder aos movimentos de não-violência, sua atuação pelos direitos humanos em tempo de ditadura militar, suas propostas de Pressão Moral Libertadora, Operação Esperança e Minorias Abraâmicas, bem como as tensões que viveu por causa destas opções. O nono capítulo – Herança para Igrejas samaritanas – conta como Dom Helder atuou no Concílio Vaticano II, o seu imenso papel neste evento embora nunca tenha se pronunciado na aula conciliar, a sua liderança na Conferência dos Bispos Latino-Americanos em Medellín. O capítulo põe em evidência como Dom Helder articulava sua proposta de uma Igreja pobre, missionária e pascal tanto nos grandes espaços eclesiais, como no cotidiano. O décimo capítulo, “Herança para os artistas”, também explora outro lado menos difundido do Dom, sua desenvolvida sensibilidade estética, sua paixão pelo cinema, seus poemas como a conhecida “Sinfonia dos Dois Mundos”, apresentada e declamada em teatros do mundo inteiro. O penúltimo capítulo, “Herança para as pessoas que sofrem”, retrata como Dom Helder viveu momentos difíceis de sua vida, seja boicotado pelo governo militar – que pressionou o Comitê do Prêmio Nobel a não lhe outorgar o Nobel da Paz, ele que era um dos mais fortes candidatos no fim dos anos 60 e no início dos anos 70 –, seja nos seus sofrimentos com a hierarquia da Igreja e das acusações infundadas que seus próprios colegas bispos lhe imputavam, seja especialmente sua capacidade de assumir os fracassos e por fim, a própria doença e morte. O último dos doze capítulos, com o título “Humanidade sem fronteiras”, discorre sobre a herança de Dom Helder para a humanidade do século XXI, seja para a sociedade civil, seja para as Igrejas, enfim, sua aposta sem reservas como esta que nos deixou por escrito: “Um dia, a fome será vencida e haverá paz para todos! A última palavra neste mundo não pode ser a morte, mas a vida! Nunca mais pode ser o ódio, mas o amor! Precisamos fazer com que não haja mais desespero e, sim, esperança!” (p. 184).

Nestes capítulos todos, em meio às tantas histórias contadas, lembranças pessoais de quem viveu uma relação de proximidade com o Dom, sobressai um fio condutor e uma chave de leitura da vida de Dom Helder: sua arte da não-violência, na linha de Gandhi e Martin Luther King. Marcelo Barros, também ele um dedicado militante da causa da paz, coloca em evidência este aspecto e mostra como, sem sombra de dúvida, Dom Helder foi a mais significativa figura brasileira neste campo. Certamente este é o diferencial deste livro, que talvez pudesse mesmo ter-se intitulado “Dom Helder Câmara, profeta da paz”, tamanho é o espaço que o autor dedica a esse enfoque e tamanha é a envergadura do Dom a este respeito, embora pouco colocada em evidência.

O estilo deste testemunho sobre Dom Helder é fácil e cativante, e ao mesmo tempo, denso e exigente. As citações de escritos e poemas do Dom dão ao texto uma leveza e uma tonalidade poética (embora haja alguns poemas e algumas citações sem referências). O livro mostra sucessivamente as diversas faces de sua personalidade e de sua ação, com amor e, ao mesmo tempo, com isenção crítica. De modo algum, é como “vida de santo” que idealiza o biografado. Quem lê este livro, nele

encontra um Dom Helder vivo e real, humano, rico de facetas. E, exatamente por isso, é capaz de ter acesso a sua herança espiritual e compreendê-la no contexto contemporâneo do século XXI, herança que faz de Dom Helder, como bem expressou o Pe. José Comblin no prefácio, um dos santos padres da América Latina, portador de um sentido para as Igrejas nestas terras e para toda a humanidade.

Marcelo Rezende Guimarães OSB

SCHENKER, Adrian / HUGO, Philippe (orgs.): *L'Enfance de la Bible Hébraïque: L'histoire du texte de l'Ancien Testament à la lumière des recherches récentes*. Genève: Labor et Fides, 2005. 318 pp., 22,5 X 15 cm. Col. Le Monde de la Bible, 52. ISBN 2-8309-1172-5.

A obra recolhe estudos apresentados nas várias sessões do terceiro seminário (2002) sobre o Antigo Testamento realizado nas universidades de línguas românicas da Suíça. No Brasil, temos, em tradução, o livro que resultou do primeiro seminário (1986), sobre o estado da pesquisa sobre o Pentateuco (A. DE PURY, *O Pentateuco em questão*, Petrópolis: Vozes, 1996). O segundo seminário (1995) tratou da história deuteronomista. Os trabalhos foram publicados em 1996 (A. DE PURY / T. RÖMER / J.-T. MACCHI (orgs.), *Israël construit son histoire: L'historiographie deutéronomiste à la lumière des recherches récentes*, Genève: Labor et Fides, 1996).

Como o subtítulo da coletânea sugere, os artigos, cujos autores são de matriz cultural tanto cristã quanto judaica, versam principalmente sobre a história da formação do texto da Bíblia Hebraica. Entram em questão as relações do texto vétero-testamentário com as versões do Pentateuco Samaritano, da bíblia dos LXX, com a Peshitta. Estuda-se também o trabalho dos massoretas na preservação do texto hebraico, bem como o recurso ao testemunho dos pergaminhos descobertos em Qumran e ainda o papel do Targum na reconstituição de versões antigas dos textos vétero-testamentários.

A obra apresenta também estudos sobre a história dos textos de alguns livros em particular, como Juízes, 1 e 2 Reis, Isaías, o livro dos Salmos. Oferece também a análise de algumas passagens que ilustram o estudo das variantes textuais (2Rs 10,18-28; Sir 48,10-12; algumas perícopes de Jeremias).

Os artigos são, em geral, bastante técnicos, com muitas citações em hebraico (e ainda em grego e siríaco). Isso demonstra que o público alvo é o leitor especializado na área bíblica, que, além do conhecimento das línguas bíblicas, possa mover-se também com certa facilidade na ciência da crítica textual.

Muito interessantes são os artigos que abrem a obra. Trata-se de duas apresentações do *status quaestionis* da pesquisa sobre a história do texto do Antigo Testamento. O primeiro, de A. Schenker e Ph. Hugo, apresenta informações atualizadas sobre vários projetos em andamento com o intuito de produzir edições críticas da Bíblia Hebraica (*Biblia Hebraica Stuttgartensia*, *Hebrew University Bible*, *Hebrew Old Testament Text Project [HOTTP]*, *Critique Textuel de l'Ancien Testament [CTAT]*,

Bíblia Hebraica Quinta). O segundo, de I. Himbaza, ocupa-se da consciência sobre os problemas textuais do Antigo Testamento, fazendo um percurso histórico sobre o tema. Inicia comentando a posição de Flávio Josefo a esse respeito e chega até a situação atual da questão. Esses dois artigos iniciais cumprem muito bem sua função de introdução aos demais trabalhos, que são de caráter mais especializado.

No final, há um índice dos autores citados e outro, seletivo, dos textos bíblicos ou de fontes judaicas e cristãs antigas, referidos nos vários artigos.

O caráter de especialização da pesquisa que o livro apresenta faz com que, certamente, não seja obra para o grande público. Contudo, as questões discutidas e o caráter atual das informações apresentadas fazem com que esse volume seja uma boa fonte de pesquisa para quem estiver às voltas com questões sobre o estabelecimento de um texto confiável para a análise exegética e a tradução do texto hebraico do Antigo Testamento.

Claudio Paul SJ

DUMM, Demetrius R.: *A mystical portrait of Jesus: New perspectives on John's Gospel*. Collegeville (Minneapolis): Liturgical Press, 2001. 177 pp., 21 X 13 cm. ISBN 0-8146-27609.

Dedico a este livro uma resenha mais extensa por causa da novidade de certas de suas intuições. O autor é monge beneditino no mosteiro de St. Vincent, Minneapolis. Apesar, ou talvez por causa de sua idade (nasceu em 1923), seu livro tem algo de pós-moderno. Conhecendo razoavelmente bem a análise histórico-crítica (através do comentário sobre João de Raymond Brown), Dom Demetrius ultrapassa-a em direção à dimensão simbólica, na qual o evangelho de João encontra seu sentido mais profundo. Aparentemente, D. quer sensibilizar certo público estadunidense materialmente saturado, porém espiritualmente carente, para uma leitura em pauta simbólica, não verbalista. Embora em nosso contexto aqui prevaleçam os materialmente carentes, não se pode negar que há um considerável público parecido com o que D. tem na mira.

O autor começa explicando que a Bíblia (no caso, João) não vende a verdade em forma de palavras com sentido imutavelmente definido, mas como meditação sobre eventos. Depois, aborda o evangelho de João por aquilo que é seu cerne: a paixão e morte como glorificação de Jesus e de Deus nele. (Ele situa o início da história da paixão na notícia da última páscoa, Jo 11,55, e não em Jo 13,1 como faz a maioria dos comentários). Na história da Paixão, começa com a parte narrativa (Jo 18-20), antes de tratar as palavras da despedida (Jo 13-17), que são de fato uma meditação sobre a paixão como glorificação. Sua leitura aponta o rico simbolismo na própria narrativa da paixão, como já observaram os antigos Padres (p. ex., o dom do Espírito relacionado com o lado aberto de Cristo etc.).

Ao tratar do cap. 17 de João, D. exprime a intuição central deste evangelho: a glorificação, ou seja, a manifestação do escondido ser profundo de Deus em Jesus Cristo (p. 73). “Essa identificação de Jesus com o Pai no seu supremo ato de amor

se reflete nas palavras de Jesus a Filipe: ‘Quem me viu, viu o Pai’ (14,9)”. Evitando o termo “identificação”, por causa da diferença das Pessoas divinas, exprimo o mesmo pensamento no meu comentário *Evangelho segundo João: amor e fidelidade* (São Paulo: Loyola, 2005).

Valiosa é também a leitura de Jo 17,3: a vida eterna é “a própria vida de Deus, e porque Deus nos ama, quer comparti-la conosco” (p. 74), o que acontece no conhecer a Deus e a Jesus Cristo. “Este tipo de conhecimento é uma união mística, intuitiva e experiencial com Deus; é a entrada nesse maravilhoso mistério pessoal que a boa interpretação bíblica situa (*locate*) para nós. Situar não é, evidentemente, o mesmo que possuir. Isto só acontece quando alguém, pelo dom da fé, se entrega à maravilhosa bondade que está no centro desse mistério” (ibid.). E isso é um empreendimento sem fim.

No entender de D., a exegese tem por tarefa situar (*locate*) o mistério de Deus, não tomar posse dele (cf. p. xvii: “the biblical project of locating the divine mystery in the text and in our lives”).

Quando, finalmente, chega aos caps. 1-11 de João, D. aborda os temas da conversão (Jo 1-2), do batismo (3-5), da Eucaristia (6-7), da iluminação (8-9) e da vida eterna (10-11). Apesar das dúvidas quanto à demarcação dos temas, concorda-se com a intuição de que a primeira parte de João apresenta os grandes temas da catequese batismal, tanto para a iniciação como para a mistagogia.

No fim – ilustrando o princípio metodológico de que a introdução de uma obra deve conter sua verdadeira conclusão – aborda-se o prólogo Jo 1,1-18. O *logos* que era “no princípio” deve ser entendido a partir da palavra inicial de Deus em Gn 1,1-3: “haja luz”, *fiat lux*. O *logos* é esse *fiat* (cf. p. 163).

Como eu disse, o domínio histórico-crítico do autor parece de segunda mão e pode ser questionado. Assim, ele segue sem crítica a tradução da Standard Version para Jo 7,38: “out of the believer’s heart” (p. 33), enquanto a exegese recente sempre mais interpreta como “do interior de Jesus”. Vê como centro do episódio da crucificação a cena do discípulo e da mãe ao pé da cruz (p. 29), não a cena seguinte, o “consummatum est”. Afirma a respeito de Jo 1,42 que naquele tempo ninguém se chamava Pedro, Cefas – esquecendo que este é o nome do sumo sacerdote Caifás (p. 95). E, na p. 129, inclui Jo 7,53 (a ida a Betânia) no original texto de João, não no acréscimo que é a perícopa da adúltera. Em compensação faz algumas boas sugestões de tradução/paráfrase, como *pros ton kolpon* em Jo 1,18: “where he [Jesus] can hear the heartbeat of God and learn all his secrets”.

Esta obra, embora sem pretensões científico-críticas, contribui realmente para uma compreensão exegética mais penetrante do Quarto Evangelho. E, como exemplo de verdadeira leitura simbólica e mística cristã, pode prestar grande serviço em nosso ambiente do vale-tudo sentimental e/ou fundamentalista em torno da Bíblia.

Johan Konings SJ